

Bakhtin em trabalhos de estudo da língua: levantando o problema do pertencimento

Valdemir Miotello

(Departamento de Letras - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

Resumo. Esse artigo procura discutir a questão do pertencimento a partir dos estudos que buscam se filiar nos temas e nos aspectos teóricos construídos por Bakhtin.

Palavras-chave: Bakhtin; teoria lingüística; filosofia da linguagem.

Abstract. The purpose of this article is to discuss the notion of 'belonginess', from studies which seek to affiliate into the themes and theoretical aspects developed by Bakhtin.

Key-words: Bakhtin; Linguistic theory; Philosophy of Language

1. Objetivo dessa discussão:

O que nos levou a apresentar essa proposta de discussão para a mesa redonda e o que me levou também a estar na mesa redonda que discutia Análise do discurso e as heranças herdadas tem como pressuposto o fato de que se lê em trabalhos os mais variados, encontrados e apresentados nos mais diversos eventos e nos mais diferentes lugares, a afirmação de que "*esse trabalho se fundamenta nos conceitos bakhtinianos*". Que significado tem essa afirmação quando afirmada aonde? Que leitores atrai, e por causa de quê? E que posso esperar encontrar em um trabalho com esses fundamentos?

Além da discussão das questões emanadas da busca de pertencimento, e também como expressão de uma opção pessoal do pesquisador, pelo fato de se identificar melhor com tal ou qual conjunto teórico, ou com os conceitos possíveis de operar, e também evitando a fuga de um possível caminho único para legitimar e considerar como verdadeiros apenas tais e quais trabalhos, gostaria também de poder discutir a pertinência atual de se utilizar um enfoque sociológico de cunho marxista na análise lingüística e no estudo da língua nos dias atuais.

Assim, como perguntas geradoras, gostaria de salientar ao menos duas: a) Que enfoque é específico no trabalho teórico em Bakhtin e seu Círculo e que vem sendo utilizado nos trabalhos atuais?; b) Como operar metodologicamente para dar conta de produzir um trabalho com as ferramentas teóricas de Bakhtin?;

2. Ponto de Encontro das questões:

Ao não aceitar apenas a citação do nome de Bakhtin, ou mesmo de frases soltas e já veiculadas à exaustão ("a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros..."; tudo que é ideológico é um signo..."; "não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc"; "toda palavra comporta duas faces..."; "O centro

organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo"; repito, ao não aceitar apenas breves citações como pista para que tal trabalho se insira nesse enfoque, gostaria de poder discutir algumas questões fundantes e presentes no trabalho de Bakhtin, e que considero de fundamental importância para esse debate, tais como:

- i) a questão da constituição do sujeito interagente na relação única, necessária e exterior com o outro, e que fundamenta a discussão do *dialogismo* e da *alteridade*. Ao desprezar o ideologismo estreito e o enfoque estritamente formalista para analisar e estudar a linguagem, Bakhtin afirma que o discurso nasce de uma situação pragmática, extraverbal, contextual, historial, e que continua a ligação com essa situação para poder manter sua significação. Divorciado desse contexto tal discurso vai necessariamente significar outra coisa, dependendo do contexto novo. É a análise que ele faz do "que horas são?". No texto "Discurso na vida e Discurso na Arte", escrito em 1926 e assinado por Volochinov, Bakhtin já se perguntava: "Como o discurso verbal se relaciona com a situação extraverbal que o engendrou?" E também se perguntava: "De que forma o analista deve proceder metodologicamente para descobrir o sentido e a significação?" Contando com a análise dos fatores fonéticos, morfológicos e semânticos certamente o analista não chegaria a bom termo. Segundo Bakhtin estaria faltando a análise do "contexto extraverbal", que seria composto basicamente da extensão espacial comum aos interlocutores, do conhecimento e da compreensão comum da situação existente entre os interlocutores e da avaliação comum dessa situação. Esse caminho articularia o verbal e o não-verbal, o dito e o não-dito, o posto e o pressuposto, o entendido e o subentendido. Assim o extraverbal para Bakhtin não é causa mecânica, mas parte constitutiva essencial. A comunicação e a linguagem são eventos sociais, que adquirem forma, tipo e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. É o Eu se constituindo verbalmente sobre a base do Nós. Trabalhar com a questão da alteridade é absolutamente fundamental em trabalhos bakhtinianos. E ampliando mais a questão da alteridade Bakhtin, nos defrontamos com a questão da presença constitutiva de vozes como princípio fundante de sua arquitetônica lingüística, pois que em todos os seus trabalhos ele defende que as palavras e os pensamentos se instauram através de várias vozes, ecoando cada uma de maneira diferente ao mesmo tempo. É o dialogismo, é a polifonia, é o plurilinguismo, é o bivocalismo, é o hibridismo, é a heteroglossia, é a carnavalização, é a pluralidade. É o humano se constituindo, e embasando o fazer científico. Daí o homem, na sua construção de uma epistemologia para as ciências Humanas, ser tido por Bakhtin como um ser social que fala e que só pode ser conhecido através de seus textos. Ao trabalharmos com textos, é nessa direção que devemos ir. Como dizia o grande Zíngales Fabrício César, em seu blog, "quando saio de casa é para construir e me defrontar com a diferença"; ele parafraseava Gerd Gigerenzer que afirma: "A diferença identifica. A desigualdade deforma".
- ii) a questão da relação entre a língua e as formas e tipos de interação verbal e as condições e os acontecimentos concretos em que se realizam, e que se dão no *enunciado concreto* e fundamentam a discussão da *ideologia* e dos *gêneros*. Ao tratar das condições e dos acontecimentos concretos, como fundante para as questões de comunicação e forma, Bakhtin está na discussão das esferas do uso da linguagem, e atribui à comunicação prosaica, que pode se dar em qualquer ambiente

discursivo e em qualquer atividade humana, o lugar da constituição dos gêneros. Por acompanhar qualquer atividade humana, a linguagem pode ser organizada em gêneros primários (da comunicação cotidiana, lugar do nascedouro da ideologia) e em gêneros secundários (da comunicação oficial, lugar do relativamente estável). Os gêneros, no entanto, estão em jogo de troca constante, de mutação completa ao estarem um dentro do outro, em ordem renovada. É o lugar das trocas ideológicas. É o lugar do enunciado concreto. O espaço da responsabilidade: locutor e interlocutor, e também linguagem e contexto social, não têm papéis e lugares fixados a priori, mas estão no jogo lingüístico, em ações intercambiáveis. Além disso, dentro do gênero se dá a cronotopia, esse diálogo cultural entre temporalidades históricas e espacialidades sociais diversas. Esse deslocamento se dá tanto em relação ao passado, como Memória de passado, quanto em relação ao devir, como Memória de futuro. É o ponto de junção entre a experiência e os sonhos, entre o que se aprendeu e o que vai arriscar, o locus de onde vim e o não-locus para onde quero ir. Os gêneros são abertos, e suas possibilidades são tão infinitas quanto infinitas podem ser as possibilidades de uso da língua em atividades humanas absolutamente diversas.

iii) a questão da análise produzida no movimento e na perspectiva de totalidade, o que traz compromissos do uso da *dialética* como ferramenta de trabalho, e da *incompletude* como solução não-definitiva. O discurso mesmo é o "diálogo inconcluso". É o lugar da indeterminação que se determina ao juntar texto e contexto, Eu e Outro, intenção e entonação. A construção da completude é uma iniciativa dos interlocutores, e como afirma Geraldí, "está na incompletude a energia geradora da busca da completude eternamente inconclusa". O diálogo é o próprio lugar do método, da análise, da dialética se dando; o próprio Bakhtin afirma que a dialética se dá na dialogia, pois essa tem homens interagindo, consciências se locupletando, contextos interagindo. Apostar tudo na dialogia constituiu Bakhtin, e pode nos constituir enquanto pessoas humanas e pesquisadores. Foi ele quem afirmou, afinal: "O que nos falta é uma audácia científica e investigadora sem a qual é impossível elevar-se ao alto nem descer às profundidades". Peço aqui ajuda a André Covre, quando ele discorre, xingando, sobre as perguntas que já têm as respostas prontas, corretas, firmes, certas, e afirmando apostas na mudança que tem que ser feita no mundo, pelo desmonte do já-dado, do passado, e pela construção do ainda-não, do por-vir, numa construção do que ele chama de incerteza constitutiva. É a ditadura da incompletude! Eterna ditadura do empurrar um pedra morro acima para que ela escape das mãos antes do cume. Bem disse a Aline Manfrin: "como o mundo fica mais real se considerarmos que nada está pronto". Por isso afirmou a Kátia Vanessa: "Somos todos responsáveis por todos".

3. Metodologia de Trabalho:

Nem vou me alongar no debate dessa questão. Tomo logo Bakhtin para clarear minhas idéias, e acompanho a "ordem metodológica" por ele mesmo indicada para o "Estudo da Língua":

- a) estudar as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as **condições concretas** em que se realiza;

- b) estudar as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a **interação** de que constituem os elementos;
- c) estudar e examinar as formas da língua na sua **interpretação lingüística** habitual;

E ainda diz Bakhtin: É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem em função das infra-estruturas; depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais; as formas dos atos de fala evoluem em conseqüência da interação verbal; e por fim o processo de evolução reflete-se na mudança das formas da língua. E ainda alerta Bakhtin para que a gente não estude as formas "picando fonemas", ou "não conseguindo ultrapassar a segmentação em constituintes imediatos". Não dá para separar formas lingüísticas do curso histórico das enunciações. Da mesma forma não dá para separar formas lingüísticas dos meios extraverbais e da palavra do outro. A estrutura da enunciação é sempre uma estrutura social. Ela existe no enfrentamento permanente com a história, com a mudança.

4. Companheiros de caminhada:

Penso que os que pretendem trabalhar com Bakhtin devem primeiramente ler Bakhtin. "Marxismo e Filosofia da Linguagem", por conter suas discussões mais fundamentais sobre o estudo da linguagem, e "A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento" por apresentar uma espécie de exercício de análise e de estudo da linguagem, no caso focado na obra de Rabelais, são por mim consideradas de extrema importância e leituras de cabeceira. Além do mais é necessário se ler as outras obras de Bakhtin para aprofundar alguns dos conceitos, como dialogismo, polifonia, subjetividade, ideologia, alteridade.

Também se deve aprofundar a compreensão das obras de Bakhtin, lendo ótimos companheiros que já trabalham com ele há mais tempo e com maior profundidade, como **Wanderley Geraldi**, tanto em seu "Portos de Passagem" quanto em seu "Linguagem e Ensino - Exercícios de Militância e Divulgação", bem como em outros artigos esparsos, como o muito bom "A diferença identifica". Também gosto muito da consistência de leitura e compreensão de **Beth Brait**, tanto no "As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso", como no recente "Bakhtin: conceitos-chave". Ainda não se pode deixar de ler o livro "Bakhtin, dialogismo e construção de sentido", por ela organizado. Também li, com extremo proveito, Diana Barros e Fiorin em "Dialogismo, polifonia e Intertextualidade". Muito me ajuda também as leituras que **Faraco** faz de Bakhtin, tanto no "Uma introdução a Bakhtin", quanto no "Diálogos com Bakhtin", também por ele organizado, juntamente com **Cristovão Tezza**, que também deve ser lido no seu trabalho, principalmente em seu "Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo". Uma leitura que gosto muito é a de **Geraldo Tadeu Souza**, principalmente no ótimo trabalho que está em "Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/ Medvedev", bem como na sua tese de doutorado "A construção da metalingüística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu Círculo). Tem sido sempre bom ler **Boris Schnaiderman**, principalmente em "Turbilhão e Semente. Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin". E não poderia faltar a boa leitura do trabalho de **Irene Machado**, principalmente nas discussões sobre as questões

do Gênero, como em "Os gêneros e a ciência dialógica do texto", e "Gêneros Discursivos", publicado recentemente em "Bakhtin: conceitos-chave".

5. Concluindo:

Quando encontro essas discussões em livros, artigos, teses e dissertações, e mesmo em conversas, eu gosto muito, e aprendo mais ainda. E penso que um estudo de linguagem com enfoque diferente e desafiador, vivencial e epistêmico, em que língua e vida tem tudo a ver, está sendo produzido pelos estudiosos bakhtinianos, no Brasil. Com a história na mão, quem sabe faz a hora! Quem sobreviver à tsulama política verá!

E por isso dou continuidade à citação extraída de Zigolino Zigg: "Quando saio, é pra construir a diferença. Ser o distinto de teu tu, Como a água que lava e suja, desengana e enruga feito o tempo. Pra tudo é preciso água e momento. Quando saio é pra ser pedreiro, tijolo por tijolo, pensamento por inteiro. A vida é curta, mas a memória já não é. Nenhum vento vem a pé e leva sem medo, minha trajetória. Faz tempo que aceitei a condição: sou o que sou, vivo extinguindo aos poucos; minhas falhas, erros e escolhas estão presas ao meu casaco de guerras e histórias. Já não me basta um mero, não. Sou negro, brasileiro, latino-americano, sou estrangeiro neste mundo desumano, já não posso negar. Sou negro e já não posso, nega. Já não posso... Deixar de ser inteiro luta. Deixar de ser nação e conduta . Deixar de ser raça, fragilidade animal e força bruta. Pois, quando saio, meu irmão, é pra ser dessemelhante de ti. Ser teu distinto, tua diferença, tua distancia, ou quem sabe, teu destino. Afinal, não haveria necessidade de dizer, nem viver, se tudo fosse igual".